



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

CARTOGRAFIAS URBANAS: REPRESENTAÇÕES DA CIDADE DE CARUARU NA LITERATURA DE MARIO SETTE

José Veridiano dos Santos*

1

O escritor recifense Mario Sette¹ (1886-1950) esteve por diversas vezes em visita a pequena cidade de Caruaru encravada nos *sertões* de Pernambuco nas primeiras décadas do século XX. De suas temporadas na provinciana cidade, nasceram muitos contos, crônicas, memórias e até um romance. Este trabalho, ao se apropriar dos textos de Sette, objetiva estabelecer relações entre cidade, imagem e identidade, embasado na idéia de que uma literatura sobre a cidade funciona como um poderoso emissor de signos e símbolos que concorrem para dizer a cidade, prescrevendo significados e valores que se traduzem em laços identitários.

Nos relatos de Mario Sette a cidade de Caruaru ganhou dizibilidade ao ser descrita em seus mais variados aspectos no espaço da imprensa e da literatura pernambucana e brasileira. Nesse sentido os escritos de Sete inauguram uma base

* José Veridiano dos Santos é Mestre em História pela UFPE e docente da ASCES (Associação Caruaruense de Ensino Superior).

¹ MÁRIO SETTE nasceu no dia 19 de abril de 1886, na cidade do Recife, PE. Foi professor de História do Brasil na Faculdade de Filosofia do Recife. Funcionário público federal chegou a exercer as funções de Diretor Regional dos Correios e Telégrafos de Alagoas (1932-1936). Mário Sette faleceu no dia 25 de Março de 1950, na cidade do Recife, PE. Cf. SOUTO MAIOR, Mario. Dicionário de Folcloristas Brasileiros. Recife: FUNDARPE, 1ª Edição, 1999.

discursiva que irá dar visibilidade a Caruaru, uma ilustre e desconhecida cidade do interior do Brasil. Em sua leitura é possível encontrar um arquivo de imagens e enunciados bastantes elucidativos das representações que se construiriam sobre cidade a partir dos anos vinte.

Em outra perspectiva a leitura dos textos de Sette nos oferece, ainda, um potencial arcabouço para compreender o alvorecer da vida urbana nas primeiras décadas do século passado em Caruaru. A sensibilidade do escritor e literato capta diversos aspectos do cotidiano de uma cidade do interior e o historiador, ao se apropriar do texto literário, tem a possibilidade interpretar as sensibilidades e sociabilidades de uma época para entender as transformações que se processam no espaço urbano. Conforme Pesavento, as representações literárias como sintomas de uma época podem trazer aquele “algo mais” de que se vale o historiador na compreensão do imaginário urbano.²

Mario Sette veio a conhecer Caruaru quando teve de visitar um parente, para o qual os médicos recifenses haviam receitado os bons ares do interior na intenção de curar uma hemoptse³. Na vigência da teoria miasmática que regulava a prática médica, parece ter sido uma prática comum, entre os preceitos médicos desse momento histórico, a indicação aos pacientes para que deixasse os aglomerados urbanos rumo ao interior, onde poderiam desfrutar de tranqüilidade e alimentação saudável. O próprio escritor Mario Sette, posteriormente, também receberia a mesma missão da medicina pernambucana.

È bem provável que a primeira visita do ainda jovem Mario Sette a Caruaru tenha acontecido por volta de 1902. A cidade que ele encontrara era, na verdade, uma pequena mancha de pouco mais de 15 mil habitantes, vivendo no espaço urbano, em pleno Planalto da Borborema.⁴ Porém a chegada da estação ferroviária em 1895 e o conseqüente desenvolvimento de atividade agrícolas, especialmente algodão,

² PESAVENTO. Sandra Jatahy. *O Imaginário da Cidade: visões literárias do urbano* - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade- UFRGS, 2002.

³ Hemoptse é um sinal de sangue nas vias aéreas, podendo indicar, em alguns casos, tuberculose.

⁴ Conforme censo estadual, a população do município de Caruaru evoluiu de 61.636 para 76.115 habitantes na década de vinte. O município era, até aquela década, composto por cinco distritos, a saber, Caruaru, Carapatós, São Caetano, Antonio Olynto e Trapiá. Anuário Estatístico, ano 1. Recife: Imprensa Industrial, 1928.

café, milho e feijão, vinham transformando, gradativamente, o perfil da pacata cidade rodeada entre brejos e carrascais.

No registro que fez de suas memórias assim o escritor demonstrou suas primeiras impressões sobre a cidade:

E Caruaru não me agradou em nenhum aspecto. Cidade matuta, atrasada, quieta. Casas sem rótulas, bois soltos pelas ruas, chocalhos por toda parte, fogueiras armadas nos principais logradouros... (...) A noite as fogueiras ardendo, as bombas estourando, os busca-pés tremendo numa constante ameaça... fogos de salão, livros de sorte, danças ao ar livre... Na rua do comércio um verdadeiro combate de “rojões” de fazer medo. Quase não tive coragem de sair de casa.

Mais um dia de “mato” e regressei ansioso à capital. Caruaru ficou-me então na lembrança como um “buraco”. E que vingança ela iria tomar de mim!...⁵

Apesar de revelar que a cidade se vingaria lhe seduzindo muito em breve, o relato mostra como a questão da identidade marcou a escrita sobre Caruaru. É compreensível seu estranhamento com a cidade do interior do Estado para quem tinha como referência a cidade do Recife, já bastante agitada pelas modernizações que em seu espaço vinham se processando. O tempo e ritmo das coisas, a arquitetura das casas e ruas onde o gado passava naturalmente, parece ter surpreendido nosso escritor, que provavelmente se deparava com um universo de práticas sociais no mínimo curiosas para quem conhecera a cidade em plena vivência de seus festejos juninos.

Entretanto, o escritor logo teria outra impressão da cidade quando teve de voltar à procura da namorada *Maria Laura* e diversos cenários de Caruaru passaram a ser palco de seus namoros:

Mas, ah! Que diferença. Como achei linda, agradável deliciosa. Melodiosos os chocalhos dos bois, atraente a feira, engraçada as casas sem rótula, gostoso o leite ao pé das vacas, poéticas as estradas dos arredores...

[...] E realizamos passeios juntos. Subimos ao pé do monte, visitamos a capelinha, apanhamos uma pedrinha em que fiz uma jura de amor [...]⁶

⁵ SETTE, Mario. *Memórias Íntimas: caminhos de um coração*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1980.

⁶ Idem, *Ibidem*.

Como se pode observar o amor do jovem Mario Sette ainda não era por Caruaru e sim por Maria Laura. Pouco importava se ele estivesse em Caruaru, Recife ou qualquer lugar do mundo. Como se sabe aos olhos dos apaixonados o espaço é capturado pela paixão. De fato Caruaru era apenas o cenário onde os dois apaixonados viviam suas aventuras de amor adolescente. Por esta época Sette já havia publicado na imprensa de Recife seus primeiros versos, sonetos e outros escritos. O fascínio pelos clássicos da literatura luso-brasileira, o domínio do idioma francês e a leitura de autores como Hugo, Zola, Michelet, entre muitos outros, vinham lhe proporcionando maturidade e certa ascensão entre os jornais recifenses.

A produção literária de Mario Sette, no entanto, só tem início no final da década de dez, quando o escritor publica *Ao Clarão dos Obuses e Rosas e Espinhos*. Conforme demonstra Noroaldo Pontes de Azevedo, o trabalho de Sette tem uma relação íntima com o movimento regionalista que se articulava entre os anos dez e vinte na capital pernambucana.⁷ De fato nos anos vinte a cidade do Recife foi palco de um grande embate entre modernistas e regionalistas. O regionalismo marca o pensamento e a produção de parte significativa de intelectuais, a exemplo de Gilberto Freyre, Mario Sette e muitos outros.⁸

Filiado à tradição rural da sociedade açucareira de Pernambuco, saudosos do passado e desconfiado das modernizações, Sette se volta para captar os cenários, os sujeitos e as tradições culturais que os tempos modernos ameaçavam. O próprio Freyre elegerá Mario Sette como um *exímio paisagista*, a registrar os confrontos entre o mundo rural e a vida urbana emergente em seus livros. Em recente estudo sobre o mesmo escritor, Magdalena Almeida, também assinala o escritor como um *retratista da palavra*:

A obra de Mário Sette é um álbum de fotografias. Seus textos são como retratos de assuntos que o escritor elegeu para guardar na memória. Descritivos, fiéis como testemunhos, coloridos quando se aventuram em detalhes descritivos, preto e branco quando apenas

⁷ AZEVEDO, N. Pontes. Modernismo e Regionalismo: os anos vinte em Pernambuco. João Pessoa: SEC da Paraíba, 1984.

⁸ REZENDE, Antônio Paulo. (Des)Encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDARP, 1997, p. 90-105.

mencionam os temas, sem maior detalhamento quanto ao assunto em foco.⁹

É nesse contexto, que a pequena cidade de Caruaru localizada conforme uma antiga geografia na porta dos sertões, distante 130 quilômetros do Recife se torna fonte de inspiração para o escritor. Imbuído da referência que opunha litoral e sertão, Sette passa a enxergar no interior a pureza de tradições que chegaram ao Brasil com a colonização e que os germes do progresso não havia ainda transformado. Assim, para o escritor Caruaru aparecia, nas primeiras décadas do século, como uma cidade que guardava muito de nosso passado. Ao contrário da Capital, as modernizações no interior ainda não tinham o efeito corrosivo que ele percebia com preocupação na cidade do Recife.

O ponto de partida de Sette, portanto, é o conflito entre o velho e o novo, a tradição e o progresso, este último, como nos mostrou Rezende, visto com certa desconfiança por aquele escritor.¹⁰ Em razão disso, sua escrita buscou registrar as paisagens, os comportamentos e as singularidades que os novos tempos ameaçavam modificar. Daí os avelozes, as baraúnas, o Monte Bom Jesus, a feira, as rendeiras do cedro, os matutos e outros personagens de Caruaru encontrarem significativo espaço em sua escrita.

Nessa perspectiva, quando autor publica seu segundo trabalho, *Rosas e Espinhos*¹¹ um conto sobre Caruaru já figurava em sua produção: *Clarinha das Rendas*, a história de uma rendeira prendada que morava no bucólico Cedro, povoado a dois quilômetros do centro da cidade. Daí pra frente, as temporadas de Sette na cidade lhe trariam muitos relacionamentos e amizades. O escritor passa a participar, com sua família, do universo sociocultural da cidade em celebrações religiosas, festas juninas e outros eventos sociais. No final da década ele publicaria mais dois trabalhos em que a cidade era tema central: *Sombra de Baraúnas*¹² e *A filha de Dona Sinhá*¹³, os quais ele

⁹ ALMEIDA, Magdalena. *Mário Sette: o retratista da palavra*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2000. Pág. 22.

¹⁰ REZENDE. Antônio Paulo. Op. Cit., p. 96-98.

¹¹ SETTE, Mario. *Rosas e Espinhos*. Recife: Imprensa Industrial, 1918.

¹² SETTE, Mario. *Sombras de Baraúnas*. Contos. Porto: Ed. Livr. Chardron, de Mello & Irmão -, 1927.

ofereceria a muitos dos amigos de Caruaru. No primeiro uma coletânea de Contos todos ambientados na cidade. No segundo um romance no qual o drama da filha de Dona Sinhá era encenado tendo também a cidade como pano de fundo.

As publicações de Mario Sete foram responsáveis por um conjunto de representações sobre a cidade de Caruaru que, dado o alcance editorial de suas publicações, extrapolaram os limites geográficos do Estado de Pernambuco para tornar Caruaru uma cidade referência quando se falava dos sertões do norte ou nordeste. Quando o nordeste se construía, enquanto unidade territorial e espacial e identitária, A cidade de Caruaru já aparece como uma cidade símbolo das tradições nordestinas nos discursos e imagens que se produzem sobre a região.

Naquilo que diz respeito à política, numa cidade governada por coronéis, o escritor não pode ficar indiferente. Suas relações com os grupos políticos locais foram muito cordiais. O escritor colaborou, sobretudo nos anos vinte, com os principais jornais da cidade, especialmente o *Cinco de Novembro* e o *Jornal de Caruaru*, braços políticos dos grupos que disputavam o poder em Caruaru. Paralelamente, na imprensa recifense, o escritor escrevia artigos denunciativos de problemas locais ou reivindicativos de coisas que a cidade reclamava, o que lhe trazia muitas simpatias entre os caruaruenses.

É a partir do conto Clarinha das Rendas, publicado em meados da década de 1910 que a cidade de Caruaru passa a figurar na obra do escritor Mario Sette. O conto enquanto estilo literário encontrou um espaço considerável na emergente imprensa brasileira do final do século XIX ao começo do século XX. Ao que tudo indica, Mário Sette parece ter publicado primeiramente na imprensa e posteriormente na Revista do Brasil, da qual era representante no Estado de Pernambuco. O conto, também publicado quando Sette lançou seu segundo livro Rosas e Espinhos, é um gênero literário caracteristicamente definido por sua narrativa curta, compacta, com princípio, meio e fim, guarda relações com o romance e é marcado também por conflitos surpresas. Muitas vezes esse relato aparece trazendo, ainda, a dimensão do maravilhoso, do fantástico e do simbólico. 14

¹³ SETTE, Mario. *A filha de Dona Sinhá*. Rio de Janeiro: 3a Edição. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1952.

¹⁴ A esse respeito ver REIS, Luzia de Maria R. *O que é o conto*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Clarinha das Rendas, conto do qual Mário Sette se orgulhava por ter impressionado o poeta e escritor Olavo Bilac, relata a história de Maria Clara, uma rendeira, matuta, casta e religiosa que habitava o Cedro, pequeno povoado muito próximo a Cidade de Caruaru. A rendeira vê seus sonhos de felicidade perecer depois que o noivo Rafael agarra-se a ilusão do futuro na cidade grande. Abandonada e solitária ela vê o tempo corroer suas esperanças enquanto o bem amado se mantém distante.

A identidade é a primeira questão que atravessa os personagens de Mario Sette. O matuto é construído em sua narrativa sempre em oposição ao citadino, urbano. Os sertões enquanto seu habitat natural no interior é pensado em relação ao litoral, à capital e à civilização. Porém, é no mato, nos sertões que o autor encontra a pureza, o caráter e as tradições que marcaram as origens de nosso povo. O Recife, enquanto capital e centro civilizado, aparece como uma ilusão que seduz os desavisados: o barulho, a pressa, o tumulto das pessoas na cidade parecem dar a idéia de desencontro e perigo. Nessa perspectiva o conflito entre o novo e o velho é o pano de fundo dos acontecimentos dando a dimensão da temporalidade a narrativa.

Uma segunda questão que marca muito a vida dos personagens de Sette é a religiosidade católica. As tramas vividas por seus personagens estão imbricadas nos valores cristãos e não escapam à providência divina. Dessa maneira, o apelo a promessas e santos, a esperança em Deus e o amor e a caridade atravessam suas histórias e reafirmam a fé católica enquanto redentora dos homens.

Apesar do relato curto de um conto a narrativa reconstitui a cidade de Caruaru que se espacializa e ganha concretude. A materialidade da cidade vai sendo cartografada à medida que seus múltiplos cenários vão se somando para configurar a idéia de lugar. Nessa direção a narrativa de Sette, sob o pretexto da história de Clarinha das Rendas, remonta o cotidiano da cidade e de seus personagens, trazendo a tona práticas sociais que enriquecem o enredo e nos revela muito da vida numa cidade do interior do Brasil no início do século XX.

Um dos aspectos que mais chama atenção do escritor é a feira da cidade que ele a descreve em detalhes:

Certo Sabbado, Maria Clara acompanhou o tio Zéca á feira: - não ia vender nada, não. Ao entrar em Caruarú, pela faixa bonita da rua da frente, atravessou os renques de barraquinhas com toldos de morim, acobertando os vendedores, estendidas de ponta a ponta da extensa e ampla artéria: - mobílias tôscas, envernizadas, forradas com chita vermelha; rebanhos de carneiros e cabras em volta de uma gamelleira mirrada; rôlos de fumo; caixotes cheios de rapaduras, balaies pejados de laranjas dos brejos, em rumas, muito louras; limas verde-claro; feixes de cannas recurvas; umbús verdosos, bananas em cacho vistosos; pinhas saborosas, opulentas no tamanho; fieiras de mulheres agachadas, vendiam verduras, umas de mão no queixo, olhar parado, outras com as mão espalmas na face, pernas encruzadas ou acoradas, braços derriados, criancinhas ao lado; para o fim da rua agglomeravam-se as vendagens de feijão, farinha, os queijos de manteige e coalha em bahús ensebados; carnes de sol, de porco, fressuras, louças de barro avermelhadas, grotescas...

Para dar ainda mais realismo a narrativa põe em evidencia os feirantes em diálogos rústicos com seus interlocutores:

- Bote preço, *muié* – aconselhava uma velha de cachimbo ao canto da boca, desdentada, querendo vêr-se livre de uma perúa branquinha. E não pronunciava o nome da ave, nhum extenso de escrúpulo, substituindo pelo pronome *ella*. Como a fregueza regateasse, exclamava:
- Bote preço *muié*, bote preço. Pegue *nella*: - não tem *pompa* nem é *poica*... *Vosmicê*. *Acredite*. Hum! Com *quarquê* ta consolada... E é *jocó*...

A imagem da Feira de Caruaru viraria uma temática recorrente na escrita de Mário Sete, como, ainda na escrita de viajantes e cronistas que narravam, sobretudo para os jornais de Recife, aspectos da cidade de Caruaru. Mario Sette inaugura um discurso que será mais tarde incorporado pelos próprios escritores de Caruaru como José Condé e, depois, por artistas como Onildo Almeida para fazer da feira um de seus mais enfatizados símbolos identitários.

Porém, no contexto geral a escrita de Mario Sette criava uma imagem positiva da cidade de Caruaru, destacando sua paisagem,

[...]Caruarú derramava-se nuns tons de leite, de ouro, de rosa, de crystal em castoada na cintura de esmeraldas das serras, dos sulcos arteriaes das estradas com as baraúnas solitárias, ao branquejamento do povoado de Emburanas, ao longe, ao longe... A cidade era um crivo de rendas: a Rua da Freira (sic) toldada de gente, o casario garrido, pinturalado de róseo, carmezin, amarello, cinzento; o rectangulo do jardim, vistoso, no flanco da matriz remoçada; o

quadrilátero do curral, os casebres de telhas vermelhas enroscando-se pelas fraudas do serróte; o colleante caminho do Cedro, a estação, vasia, com vagon deixados para descarga...

Sombras de Baraúnas é um trabalho publicado no final dos anos vinte, onde Mario Sette homenageia alguns amigos, especialmente os de Caruaru. Trata-se da reunião de 15 contos, distribuídos no conjunto de um pequeno livro, sendo, cada um, oferecido a uma personalidade e o conjunto da obra oferecido a Viriato Correa, Gilberto Freyre e Silva Filho. A primeira vista o leitor se depara com o conto *sombra de baraúnas* que empresta o título ao próprio trabalho. Neste, desde o princípio, a cidade de Caruaru vai se desvelando à medida que a escrita vai praticando os espaços da cidade. Desta forma as ruas e becos, a feira e as casas comerciais, as Igrejas e o cemitério

Nesse sentido, muitos hábitos e costumes que marcavam a sociedade caruaruense nas primeiras décadas do século XX também vão aparecer para enriquecer a narrativa.

A paisagem é, nesse contexto, um elemento amplamente descrito pelo autor:

Pelas janelas envidraçadas, avistavam-se, ao longe, as montanhas reverdecidas pelos aguaceiros do inverno, montanhas em que se riscavam roçados de milho divididos por cercas nativas de avelozes, e em que se apumavam as baraúnas de copas redondas e sombreadoras.¹⁵

De fato a ênfase da paisagem é muito característica da produção regionalista. Os personagens que vão ganhando existência na narrativa de Sette aparecem sempre descritos numa relação harmoniosa e em comunhão com a natureza. Suas características ressaltam o caráter e o bom senso, como no desfecho do conto *Sombra de Baraúnas* em que dois inimigos políticos se congratulam diante de uma fatalidade que poderia arruinar a vida de suas famílias. Em muitos momentos da narrativa os personagens aparecem em suas próprias falas. A linguagem rústica e o jeito desengonçado dos matutos que o autor insere no texto dar realismo e vivacidade a narrativa.

No segundo conto *A professora*, Sete nos conduz pelo mundo das relações sociais do interior do Brasil. A professora *Sinhazinha*, o major Guilhermino e o

¹⁵ Op. Cit. Pág. 13-14.

cangaceiro Adalberto, discípulo de Antonio Silvino, personagens que naturalmente assumiam uma importância singular no cotidiano das sociedades rurais brasileiras protagonizam num povoado do interior pequenas histórias de respeito, disputas, cordialidade e que terminam, na maioria das vezes, sem desfecho trágico.

Na História de Ercília, uma jovem de família tradicional e religiosa do interior e Augusto Castanha, um adolescente formado na capital e marcado por suas idéias materialistas e anticlericais, o autor destaca o conflito entre a tradição e a modernidade, o rural e o urbano. Em meio a esse contexto, fidelidade de seus personagens a princípios éticos, políticos e morais marcam o conto *Uma história de Mulher*.

Tensão, ritmo, o imprevisto dentro dos parâmetros previstos, unidade, compactação, concisão, conflito, início meio e fim; o passado e o futuro têm significado menor. O flashback pode acontecer, mas só se absolutamente necessário, mesmo assim da forma mais curta possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Magdalena. *Mário Sette: o retratista da palavra*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2000. Pág. 22.

AZEVEDO, N. Pontes. *Modernismo e Regionalismo: os anos vinte em Pernambuco*. João Pessoa: SEC da Paraíba, 1984.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da Cidade: visões literárias do urbano - Paris*, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade- UFRGS, 2002.

REIS, Luzia de Maria R. *O que é o conto*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

REZENDE, Antônio Paulo. (Des)Encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década e vinte. Recife: FUNDARP, 1997, p. 90-105.

SETTE, Mario. *Rosas e Espinhos*. Recife: Imprensa Industrial, 1918.

SETTE, Mário. *Sombras de Baraúnas (contos)*. Porto (PT): Livraria Chardron de Lello & Irmão, 1927.

SETTE, Mário. *A Filha de Dona Sinhá*. 3a Edição. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1952.

VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2

SETTE, Mario. *Memórias Íntimas: caminhos de um coração*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1980.

SOUTO MAIOR, Mario. *Dicionário de Folcloristas Brasileiros*. Recife: FUNDARPE, 1ª Edição, 1999.